



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

## **A GUERRA DO VIETNÃ E SUA REPRESENTAÇÃO NO CINEMA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Aluno: Thiago Costa Teixeira Pelucio Silva

Matrícula: 12/0023172

**Brasília  
2018**

THIAGO COSTA TEIXEIRA PELUCIO SILVA

**A GUERRA DO VIETNÃ E SUA REPRESENTAÇÃO NO CINEMA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes

**Brasília  
2018**

## **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo analisar o que foi a Guerra do Vietnã na ótica do cinema, analisando o contexto da Guerra Fria, a necessidade de manter a hegemonia americana e o medo do sistema econômico mundial cair para o comunismo, analisando também as incursões para o Vietnã e as atividades no país. A segunda parte do trabalho foca nas representações fílmicas sobre a Guerra do Vietnã. Foram escolhidos dois filmes para análise: *Platoon*, de Oliver Stone e *Apocalypse Now*, de Francis Ford Copolla. Ambos os filmes mostram a violência causada na guerra, a submissão dos soldados ao governo americano, os quais carregam em seus roteiros críticas ao conflito.

**Palavras-chave:** Guerra Fria, Hegemonia, Guerra do Vietnã, Cinema Norte-Americano.

## **ABSTRACT**

This article aims to analyze what was the Vietnam War in the view of the cinema, analyzing the context of the Cold War, the need to maintain the American hegemony and the fear of the world economic system fall to the communism, analyzing also the incursions to the Vietnam and the activities in the country. The second part of the article focuses on the film representations about the Vietnam War, two films were selected for analysis: *Platoon*, by Oliver Stone and *Apocalypse Now*, by Francis Ford Copolla. Both films show the violence caused in the war, the submission of soldiers to the American government and carry on their scripts criticism about the conflict.

**Keywords:** Cold War, Hegemony, Vietnam War, North American Cinema.

“A vitória dependerá dos corações e mentes das pessoas que vivem lá”

Lyndon B Johnson

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	2
1. A GUERRA FRIA E A HEGEMONIA NORTE-AMERICANA .....	3
2. A DOCTRINA AMERICANA .....	6
3. A TEORIA DO DOMÍNIO E O INÍCIO DA GUERRA .....	8
4. A CONSTRUÇÃO E A DERROTA DA GUERRA.....	12
5. O HORROR DA GUERRA .....	16
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	21
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	22

## INTRODUÇÃO

A Guerra do Vietnã pode ser considerada a maior falha estratégica dos Estados Unidos perante um país de terceiro mundo, o embate que durou 16 anos (1959 – 1975) deixou marcas profundas no moral americano e isso foi sentido de várias formas, tanto no desgaste físico e emocional dos soldados, quanto no desgaste econômico sofrido de ambos os lados. Uma forma de mostrar indignação e criticar o que foi esse conflito foi por meio do cinema. A sétima arte ajudou muitas pessoas a entenderem como um soldado poderia pensar ou que ele poderia sentir diante do *front* e batalha.

Esse trabalho tem como objetivo principal elencar os motivos que levaram os Estados Unidos até o outro lado do mundo para lutar por uma guerra que se apresentava como sem sentido, também mostrar o reflexo que isso teve nos filmes norte-americanos, aqui analisados, tais como *Apocalypse Now* e *Platoon*; desde a preocupação em manter a hegemonia e usar a guerra como forma de manter o seu poder e a ordem.

Na visão de Hannah Arendt as guerras e as revoluções são vistas como acontecimentos determinantes no Século XX, guerra para os Estados Unidos e Revolução para o pequeno país asiático que tentava se libertar das potências que o dominaram, então “(...) não resta nenhuma outra causa a não ser a mais antiga de todas, a única, de fato, que desde o início da história determinou a própria existência da política: a causa da liberdade em oposição a tirania” (ARENDR, 2011, p.35).

Para o andamento desse trabalho procurou-se analisar primeiramente o contexto da Guerra Fria e a necessidade dos EUA logo após a Segunda Guerra Mundial, se manter como uma potência mundial importante, preocupados com a crescente influência do comunismo no mundo, os norte-americanos exercendo influência em países que poderiam ser aliados, se não surtisse efeito a guerra seria uma resposta para a contenção comunista. A preocupação com o avanço comunista levou os Estados Unidos para a guerra no Vietnã, guerra esta que matou várias pessoas e deixando danos irreparáveis.

O cinema tentou captar esse sentimento de horror da guerra; os filmes aqui analisados tem esse intuito, de mostrar a ótica dos massacres cometidos e das ordens a serem seguidas, sob a ótica do genocídio o autor Jean Paul Sartre lembrou que é

necessário “tentar compreender particularmente a intenção genocida do governo americano na guerra contra o Vietnã (SARTRE, 1970, p.430). O cinema talvez possa ser uma resposta para esses questionamentos que muitos se fizeram, não contar uma história vitoriosa, ao contrário, mostrar de forma visceral o que seria o conflito.

Esse artigo se divide em dois momentos. No primeiro mostra-se o contexto histórico da Guerra Fria, a hegemonia americana, as doutrinas que colaborariam para o fortalecimento de uma identidade americana e as medidas de segurança que os Estados Unidos adotam para defender as próprias convicções; para tal pesquisa foram analisados autores que discutem sobre a Guerra Fria e a política nacional norte americana. No segundo momento será analisada a teoria que levou os Estados Unidos à guerra com o Vietnã, o início da Guerra do Vietnã e seu fim e o impacto que a guerra teve no cinema; para tal pesquisa foram-se utilizados considerações de correspondentes de guerra, historiadores e autores sobre o a Guerra do Vietnã.

## **1. A GUERRA FRIA E A HEGEMONIA NORTE-AMERICANA**

Para analisar a Guerra do Vietnã é preciso voltar e observar em qual cenário o conflito estava inserido e quais motivações levaram os Estados Unidos a tal incursão no país. O poderio americano, tanto bélico como hegemônico tornou-se maior e mais forte depois da Segunda Guerra Mundial, para o escritor Noam Chomsky os Estados Unidos surgiria como substituto das desgastadas potências europeias e manteria a própria hegemonia e o capitalismo como o cerne dos sistemas econômicos mundiais, evitando assim o surgimento e fortalecimento de modelos econômicos e políticos independentes.

A Guerra Fria, na visão de Chomsky, (1996) tornou-se necessária para conter o avanço comunista no mundo. Os soviéticos eram vistos como inimigos, logo, as incursões dos americanos em outros países para conter os avanços comunistas tinham um objetivo duplo, de cessar os avanços ideológicos soviéticos e também manutenção de poder e contenção de qualquer economia fora da dinâmica do capitalismo.

A Guerra Fria foi um período considerado benéfico para o desenvolvimento bélico e econômico dos Estados Unidos, sobre esse ponto o autor do livro “História do Século XX” Paulo Fagundes Vizentini, disserta:



Apesar de certas formas históricas e maniqueístas da Guerra Fria, esta possuía uma racionalidade cristalina, pois permitia a Casa Branca manter o controle político e a primazia econômica tanto sobre seus aliados industriais europeus como sobre a periferia subdesenvolvida, diretamente na América Latina e Ásia oriental, ou através dos aliados europeus na África e no Oriente Médio. Ao manipular a ideia de uma ameaça externa, Washington obtinha a unidade do mundo capitalista e orientava-a contra a URSS e os movimentos de esquerda e nacionalistas, tanto metropolitano como coloniais, nascidos da Segunda Guerra Mundial (VIZENTINI, 2000, p. 106).

A guerra, no caso da contenção dos avanços comunistas, pode ser vista como uma maneira de manutenção do poder, ou também como forma de manter a hegemonia de um país dominante, nesse caso, os Estados Unidos.

Para Kenneth Waltz (2004) a primeira causa da guerra pode ser vista como resultado do egoísmo humano ou até mesmo das ambições políticas e personalidade dos seus líderes, logo, as outras consequências ligadas a esse fator de egoísmo e estupidez desencadeariam na guerra em si. A contenção para acontecimentos desse tipo deveriam partir de uma mudança psicossocial do homem.

A segunda causa da guerra está relacionada com a organização interna dos Estados, se embasando em pensadores sociais tais como Karl Marx, Emmanuel Kant e Woodrow Wilson, o autor analisa ainda, que esses teóricos acreditavam ser necessária uma mudança dos Estados para somente assim alcançar a paz. Waltz também apresenta nessa parte o seu ponto de vista crítico com respeito à concepção liberal das Relações Internacionais, aprofundando que a prescrição liberal é impraticável porque a análise é inadequada.

Para a ampliação de poder e segurança, os Estados unidos reforçam cada vez mais o discurso de seus líderes governamentais focados nesses pontos, Chomsky disserta:

Com a Guerra Fria extinta, as máscaras podem ser removidas pelo menos levemente, e as verdades elementares, algumas vezes expressas em instituições acadêmicas sérias, podem ser publicamente cogitadas. Entre elas, está o fato de que o apelo à segurança era em grande parte fraudulenta, a estrutura da Guerra Fria tendo sido empregada como um artifício para justificar a supressão do nacionalismo independente - seja na Europa e no Japão, seja no Terceiro Mundo (CHOMSKY, 1996, p. 47).

Logo, os soviéticos que eram vistos como os grandes contraventores da ordem capitalista, seriam vistos apenas como “peões” no jogo de interesses americano, sendo assim a derrubada de políticas-econômicas de cunho nacionalista vistas como necessárias para se adequar ao padrão capitalista pregado em Washington. Para entender essa preocupação dos Estados Unidos em manter o seu poderio tanto econômico como hegemônico deve-se analisar marcos que colocaram o país em tal situação.

Na Segunda Guerra Mundial depois dos ataques sofridos pelos japoneses em Pearl Harbor, os Estados Unidos mostram uma fragilidade momentânea, mas depois mostram uma força nunca antes vista. Para evitar mais ataques desse tipo em regiões que interessavam a América, o país passa a adotar a *Big Policy*, que até 1945 só era empregada em países latino-americanos, visando não o expansionismo americano, mas sim, a manutenção de poder e fixação de áreas de interesse econômico dos Estados Unidos.

A guerra no caso da contenção dos avanços comunistas pode ser vista como uma maneira de manutenção do poder, ou também como forma de manter a hegemonia de um país dominante, nesse caso, os Estados Unidos. Sobre esse tema um dos pensadores mais importantes das Relações Internacionais, Kenneth Waltz (2004) escreveu em sua obra “O homem, O Estado e a Guerra” que a guerra ocorre em três diferentes esferas: a natureza e o comportamento humano; a organização interna dos Estados; e o sistema de Estados.

As motivações americanas são guiadas por dois objetivos: (1) evitar a ascensão de uma potência europeia ou asiática que seriam capazes de transpor as defesas oceânicas estadunidenses e (2) moldar a ordem internacional à semelhança da ordem interna. No primeiro cenário a potência americana seria apenas mais um país dentre outras potências vigentes, já no segundo os Estados Unidos seriam uma nação com abrangência global e que seu modelo econômico e social deveria ser um exemplo para as outras potências.

Dois pensamentos que serviriam para fortalecer ainda mais o nacionalismo e a construção de uma identidade própria como povo americano, a Doutrina Monroe e o Destino Manifesto seriam ferramentas para essa construção ideológica; a primeira segmentaria a ideia nacionalista e de auto governança por parte da América repudiando assim as influências externas e a uma nova colonização europeia. Tal pensamento foi

elaborado pelo então presidente James Monroe que repudiava a ideia dos Estados Unidos serem colonizado por outro país novamente.

O Destino Manifesto estava ligado à ideia que o povo que habitava os EUA estava destinado, por desígnio divino (Deus), a guiar o restante do mundo e que seria a nação escolhida. Sendo assim, a superioridade racial e cultural se sobressairia sobre os outros países. Ambos os pensamentos foram utilizados ao longo da história norte-americana, em 1823, o então presidente americano James Monroe repudia uma nova colonização europeia e juntamente com a ideia da providência divina incentiva a colonização para o oeste tal qual foi prometido por Deus para os povos americanos.

## **2. A DOUTRINA AMERICANA**

As antigas políticas americanas não foram esquecidas com o passar dos anos, contudo, foram se modificando para os novos padrões de domínio e controle de poder, um exemplo importante dessa manutenção foi uma diretiva criada pelo governo Truman nos anos 50 a *National Security Council Report 68* (NSC-68). Tal documento estava ligado diretamente à contenção comunista da URSS no período da Guerra Fria, mas o documento ia muito mais além, também mostrava a preocupação em dominar regiões-chave e prover o incentivo para que esses países se mantivessem aliados aos EUA.

No documento ainda mostrava a importância de se ter uma política de segurança nacional, econômica e política externa, a preocupação se encontra no trecho:

o papel do poder militar é servir ao propósito nacional de deter um ataque contra os [EUA] enquanto buscou-se, por outros meios, criar um ambiente no qual a sociedade livre possa florescer" (NSC-68, 1950, seção IV c).

Ficava clara, a preocupação dos Estados Unidos em manter a ordem e a proteção das próprias terras e também poder exercer o seu poder em outros territórios, com medo do avanço comunista do mundo. Os EUA viviam um período relativamente bom desde o término da Segunda Guerra Mundial até meados dos anos 70, depois desse período os Estados Unidos perderam um pouco da hegemonia, tudo por conta do fracasso no Vietnã.

A Guerra custou caro para os EUA, para os autores Charles Kindleberger e Robert Gilpin houve um enfraquecimento na hegemonia americana depois que os Estados Unidos perderam a guerra, sendo assim outras potências tomaram o lugar como o Japão e a Alemanha. Na obra “*O Poder Americano*”, José Luís Fiori (2004), abrange que o envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã se deu por volta da década de 50, com o apoio financeiro e apoio logístico dado aos franceses logo depois da Guerra da Coréia. Durante essa década os americanos vão expandindo presença militar de forma lenta, mas sempre progressiva, mostrando assim um controle hegemônico da região. Para o autor, o crescimento foi contínuo e extenso, havendo uma necessidade de expansão do poder do hegemônico, e contenção das ameaças comunistas que se aproximavam da região.

O autor indiano M. Sivaram (1966) em seu livro “*Guerra do Vietnã: por quê?*” abrange mais o ponto da ajuda militar ao Vietnã, em 1961 foi onde houve mais ajudas desse tipo, para conter o avanço das guerrilhas e a subversão comunista. O então presidente na época, John F. Kennedy, prometeu intensificar ainda mais a ajuda no Vietnã e afirmou que os Estados Unidos estavam decididos a não deixarem o país cair para o regime comunista. Com a promessa de retirar as forças comunistas do país, aumentaram mais ainda os programas de assistência norte-americana, o número de combatentes foi aumentando de mês em mês, como menciona Sivaram (1966). Como já observado, foi em 1961 que houve mais ajudas por parte dos americanos ao país, mas, oficialmente em janeiro de 1965 as intervenções militares tomariam mais força.

A Guerra do Vietnã seria conhecida pelo uso excessivo da aviação americana, a utilização de helicópteros para as incursões no país. Utilizando-se desse artifício bélico, o poderoso exército americano coloca em prática a “cavalaria aérea”, utilizando helicópteros para entrar e sair do campo de batalha. Sobre isso M. Sivaram escreveu:

Os sul-vietnamitas e seus aliados norte-americanos chegaram à conclusão de que se as forças armadas norte-vietnamitas e seus guerrilheiros podiam cruzar a fronteira, também eles tinham o direito de atravessá-la para o Norte, pelo ar e por terra, conforme o caso. Teve início, assim, um novo tipo de guerra, em que a aviação americana e a vietnamita partiram para o ataque às instalações militares e linhas de suprimento e comunicação norte-vietnamitas (SIVARAM, 1966, p.35).

Assim, tais povos sul-vietnamitas e os norte-americanos entenderam que as forças armadas e seus guerrilheiros não só podiam cruzar a fronteira como era um direito adquirido, da maneira que fosse, dando assim início a um tipo de guerra nova

### 3. A TEORIA DO DOMINÓ E O INÍCIO DA GUERRA

A Guerra do Vietnã pode ser vista como conflito armado e violento que aconteceu na metade do século XX. Tal guerra que teve início em 1959 e final em 1975, estava fortemente ligada a história da Guerra Fria, logo, os Estados Unidos estavam intimamente ligados a esse conflito que acontecia do outro lado do mundo. Com a bipolaridade mundial, reinando nos estilos de governo, os americanos queriam garantir que a predominância capitalista imperaria sobre o então assustador e prolífero comunismo que se espalhava pela Ásia.

Para analisar o porquê da Guerra do Vietnã, o cenário da região e a história devem ser analisados. Logo após a Segunda Guerra Mundial, o império japonês dominou uma região asiática conhecida como Indochina, território este formado por Laos, Camboja e Vietnã, esses três países estavam sobre os domínios dos franceses. Ansiando pela independência os vietnamitas, criam a Liga Revolucionária para a Independência do Vietnã, partido esse que estava vinculado à causa comunista e que tinha como líder Ho Chi Minh, uma figura revolucionária do país, visto como o gerador da independência dos vietnamitas. Os principais agentes dessas revoltas contra o sistema colonizador foram pessoas ligadas ao *Viet Minh*, um grupo político que não chegou a ser considerado um partido político e que mais tarde daria origem ao FNL (Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul). O autor Eric Hobsbawm comentou sobre o Vietnã e as próprias lutas para a independência:

Só em partes do Sudeste Asiático essa descolonização política sofreu séria resistência, notadamente na Indochina francesa (atuais Vietnã, Camboja e Laos), onde a resistência comunista declara independência após a libertação, sob a liderança do nobre Ho Chi Minh. Os franceses apoiados pelos britânicos e depois pelos EUA realizaram uma desesperada ação para reconquistar e manter o país contra a revolução vitoriosa. Foram derrotados e obrigados a se retirar em 1954, mas os EUA impediram a unificação do país e mantiveram um regime satélite na parte Sul do Vietnã dividido (HOBSBAWM, 1995, p.215).

Logo após a Guerra da Indochina (1946-1954), o país ficou dividido em dois: ao Norte se encontrava a República Democrática do Vietnã, sob o controle do *Viet Minh*, e ao Sul, o Reino Unido do Vietnã, governado por Bao Dai, com auxílio dos franceses e dos norte americanos. Deixando de ser colônia francesa, o Vietnã agora passaria para outra “tutela” a ocidental/norte-americana. Tomados por um temor recorrente do avanço comunista, exercem influência no país para assim tentar conter os avanços do comunismo na Ásia.

Com o medo de perder a soberania capitalista sob os países do mundo e embasado nas ideias do secretário norte americano John Foster Dulles, a Teoria do Dominó ganhava vida diante dos olhos do governo estadunidense. Tal teoria postulava que se um país ou região caísse para o regime comunista, os países fronteiriços cairiam em seguida. Logo, haveria uma manutenção de poder que deveria ser tomada, e a guerra foi uma resposta para o medo do avanço comunista na região do Vietnã.

No contexto da Guerra Fria a Teoria do Efeito Dominó ganhava força, com certo receio da influência comunista nos países asiáticos, os Estados Unidos investem em intervenções militares para conter os avanços comunistas, o então presidente da América, Dwight Eisenhower, expôs essa ideia pela primeira vez em sete de abril de 1954 na Conferência sobre a Indochina em Genebra. Preocupado com a influência comunista na Indochina Eisenhower disse: “O que é o princípio da série de dominós que caem? Você tem uma fileira de peças de dominós em pé, você derruba a primeira peça e o que acontecerá com a última da fila? Certamente cairá muito rapidamente”. (DOCUMENTÁRIO HISTORY)

A base do comportamento dos Estados Unidos está ligada a esta contenção a agressividade comunista em todo o mundo, o medo do espectro comunista se espalhar para os países do mundo faz com que eles ajam de forma preventiva, como foi no caso do Vietnã. Estados Unidos e União Soviética, como aponta George Kennan (1984), estavam disputando territórios, a URSS era agressiva na consecução dos seus objetivos e como resposta a essa agressividade os EUA se engajam em dissuadir essa ameaça por meio de intervenções nos países que estavam sob a “ameaça” comunista.

A divisão do Vietnã e depois a reunificação foram determinadas pela Conferência de Genebra em julho de 1954, onde ali houve vários países que concordaram com a reunificação das duas partes, exceto os Estados Unidos. Segundo o

autor Paulo Fagundes Vizontini: “Não podendo impedir a Conferência de Genebra, Washington irá procurar evitar, a todo custo, a materialização das questões dela, em particular as eleições, pois sabia perfeitamente que seus aliados perderiam”. (VIZENTINI, 2007, p.53).

Tendo esse pensamento de não apoiar a unificação, os Estados Unidos apoiam a ascensão do poder de Ngo Dinh Diem, que faz o Vietnã do Sul uma república, eliminando assim definitivamente a influência dos franceses em seu território. Adotando uma política de perseguição aos que iam contra o seu governo, Diem vai atrás dos apoiadores do *Viet Minh* e da FNL, grupos esses que eram compostos por vários tipos de políticos e sociais. Essas ações tomadas e o crescente apoio dos EUA, levam o Vietnã a uma guerra civil entre o Sul e o Norte, de um lado se encontrava a guerrilha FNL e do outro os apoiadores do governo de Diem.

Observando essas ações, o governo dos Estados Unidos monta um plano de intervenção direta no Vietnã, baseado em três fases:

na primeira, seria mantida a ajuda aos regimes amigos, iniciada por Eisenhower (que ocorria desde a guerra franco-vietnamita); a segunda seria a contra – insurgência, caso a ajuda falhasse, em que seriam enviadas tropas norte-americanas e aumentada a ajuda; a terceira constituiria uma “guerra limitada” como a da Coreia, caso fracassasse a contra – insurgência (os Estados Unidos lutariam contra os revolucionários e um ou mais países socialistas) (VIZENTINI, 2007, p.65).

A primeira fase já se encontrava em prática, era necessário agora botar em prática a segunda fase, que foi estabelecida em 1961; como já visto, esse ano foi de grande ajuda financeira para o Vietnã do Sul e o aumento de tropas para conter a “contra insurgência”. Em 1964 insatisfeito com a atuação de Diem na contenção dos avanços da FNL os EUA depõem ele do posto, com essa atitude Vietnã do Sul fica exposto e sofrer várias tentativas de golpes militares, aumentando ainda mais a instabilidade política do país.

Aproveitando-se dessa instabilidade política no Sul, a FNL promove uma grande ofensiva ao país, resultando na morte de vários soldados americanos e colocando assim a terceira fase do processo americano em ação. Como parte da estratégia americana em enfraquecer o Norte através de ataques aéreos constantes, agora o Sul recebia ajuda direta dos Estados Unidos, logo, o Norte recebia ajuda da União Soviética

que apoiava seu aliado comunista. Estima-se que mais de 600 mil soldados foram recrutados e mandados para o Vietnã, com a vitória na Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos achando que seria uma guerra rápida de ser vencida.

Em março de 1965 teve início a operação *Rolling Thunder*, para Scott S. F. Meaker, a incursão foi “uma campanha de bombardeios estratégicos realizados pelos Estados Unidos até o dia 2 de novembro de 1968” (MEAKER, 2016, p.30). Essa operação tinha três objetivos, como citado pelo autor Gary R. Hess: (1) motivo estratégico – destruir a capacidade dos vietnamitas do Norte em exercer linhas de comunicação com os vietnamitas do Sul; (2) coercitivo – para intimidar a liderança política do Vietnã do Norte; e (3) político – para reerguer o Vietnã do Sul e reerguer o ânimo das tropas (HESS, 1990, p.91).

A primeira fase da operação se concentraria no bombardeio das rotas de infiltração do Vietnã do Norte para o Sul, seguindo conseqüentemente para outras áreas de interesse estratégico americano. Em 1966, como relata Hess, “as aeronaves americanas sobrevoam e atacam a base de petróleo norte-vietnamita, resultando na destruição de cerca de 70% do estoque” (HESS, 1990, p.91). Em 1967 o combate aéreo se intensificou ainda mais, a operação *Rolling Thunder* se voltava agora para as fontes de energia do Norte, as fábricas e os recursos que eram vistos como importantes para o país. No ápice de 1967 a maioria das fábricas no Vietnã do Norte ou haviam sido completamente destruídas ou foram severamente danificadas.

A guerra aérea americana contra o Norte constituiu-se como a campanha mais intensa de bombardeio estratégico da história, como nota Gary Hess (1990). Causando para o país um prejuízo de milhões de dólares. Mas apesar dos ataques sucessivos dos Estados Unidos ao país, a operação *Rolling Thunder* falhou a atingir o seu objetivo estratégico e coercitivo. O front norte-vietnamita sobreviveu aos ataques e aumentou mais os ataques aos sul-vietnamitas.

Um dos motivos para o fracasso da operação foi a escolha da tática de aproximação dos EUA, o conceito usado pelos americanos era útil apenas em áreas altamente industrializadas e com um exército amplo que precisariam de uma quantidade grande de armas e suprimentos, não era o caso do Norte onde grande parte do território era rural com poucas indústrias e um meio de transporte primitivo (HESS, 1990, p. 92). Esse cenário marcava uma das primeiras derrotas sofridas pelos americanos.



De 1965 a 1972 houve a maior campanha de bombardeio da história, como aponta Leandro Karnal (2007), isso serviu não somente para tentar enfraquecer os *vietcongs*, mas também seguiu a “intenção de enfraquecer o moral do Vietnã do Norte” (KARNAL, 2007, p241). Houve também tentativas de pacificação no Vietnã, esses programas buscavam ganhar a confiança dos habitantes do país, como mostra Karnal para ganhar os “corações e mentes” da população local, usando de recursos assistencialistas e coercitivos.

#### **4. A CONSTRUÇÃO E A DERROTA DA GUERRA**

Com o fracasso da operação *Rolling Thunder*, os Estados Unidos agora intensificam ainda mais as incursões no país, os GIs (soldados americanos) passam a aumentar consideravelmente no país, como observou Vizontini “em 1965 somavam 25 mil no Vietnã, atingiram seiscentos mil em 1968”. (VIZENTINI, 2007, p.71). As construções no país para abrigar a grande frota de helicópteros e soldados foram extensas. Em An Khe (província vietnamita) foi construído um dos maiores heliportos do mundo, com aproximadamente cinco quilômetros de largura por sete quilômetros de extensão. Bombardeiros e demais aparelhos tecnológicos também foram dispostos em várias regiões do país; além disso, as milícias do governo de Saigon foram bem equipadas pelos norte-americanos. Mostrando assim que os Estados Unidos entraram verdadeiramente na guerra.

O objetivo dos americanos era uma guerra clássica geograficamente limitada, como aponta Vizontini, para acontecer de maneira equilibrada, rápida e com intensidade, por trás dessa pressa em ganhar a guerra estava envolvido a preocupação com o avanço comunista na Ásia e a medida de contenção e não somente isso, mas também a guerra seria uma justificativa para manter a hegemonia americana sobre os aliados americanos e aumentar ainda mais a indústria armamentista no país e estimular a economia dos Estados Unidos (VIZENTINI, 2007, p. 73).

De um lado havia o Sul com todo o suporte dado pelos norte americanos e do Norte também havia ajuda externa. Em 1961 as tropas da FNL ainda dispunham de um arsenal muito antiquado, mas com a ajuda dos soviéticos os armamentos agora estavam modernizados, com AK-47s, lança-foguetes e tanques, ao receberem esses armamentos

as tropas deveriam moldar as táticas para surpreender os americanos, escolheram a tática de guerrilha para combater nas linhas de batalha.

A tática de guerrilha diferenciava-se da guerra convencional buscando não um confronto direto, mas sim, uma sucessão de ataques surpresas ao inimigo, o que era extremamente penoso para os norte-americanos, que não estavam acostumados com o ambiente, o clima e os guerrilheiros. Vizontini mostra que a adaptação da guerra criada pelos *vietcongs* (termo utilizado para nomear os vietnamitas comunistas) foi totalmente sofrível para o exército americano, as várias armadilhas feitas de modo rudimentar com estacas de madeira camufladas, granadas, bambus pontiagudos se tornaram um verdadeiro pesadelo para os soldados estadunidenses (VIZENTINI, 2007, p. 75).

Outro artifício utilizado pelos combatentes norte-vietnamitas foi a utilização de túneis nas cidades para esconder ou despistar as tropas americanas, tornando quase impossível um confronto direto com os *vietcongs*, “era o fracasso da guerra convencional, ainda que a aviação e a artilharia dos navios da 7ª frota pudessem explodir qualquer ponto do país” (VIZENTINI, 2007, p. 75). Essas táticas obrigam os norte-americanos a mudarem de aproximação, a então utilizada *search and destroy* (procurar e destruir) seria substituída pela *clear and hold* (limpar e ocupar), intensificando mais ainda os ataques aos norte-vietnamitas.

O cenário da guerra começa a se tornar bastante crítico, no dia primeiro de fevereiro de 1968, onde os combatentes da Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul tomam todas as cidades da parte Sul e também as bases norte-americanas, isso desencadearia na chamada *Ofensiva do Tet* (o ano novo lunar vietnamita). O autor Gary Hess relata que a ação dos *vietcongs* não foi apenas rápida, mas também foi brutal, matando indiscriminadamente oficiais do governo e civis (HESS, 1990, p. 106). Em Saigon os guerrilheiros invadem a embaixada americana, comprometendo assim os prédios principais, dominam também parte da cidade e atacam o palácio presidencial e o alto-comando norte-americano.

Apesar do ataque surpresa as forças dos Estados Unidos combatem os guerrilheiros com um poder de fogo muito superior aos norte-vietnamitas, Hess complementa que os *vietcongs* não tiveram tempo para estabelecer uma defesa forte o bastante para manter as posições (HESS, 1990, p.108). Em Hué (cidade ao centro do Vietnã), a batalha se intensificou, mais durando 25 dias, essa incursão custou caro para

os dois lados. Hess mostra que mais ou menos 500 soldados americanos foram abatidos e por volta de 5000 norte vietnamitas e *vietcongs* foram mortos, as casas de mais de 100.000 pessoas foram destruídas, e talvez a pior atrocidade cometida pelos guerrilheiros, a execução de mais de 5000 pessoas dentre elas estavam: oficiais, professores, intelectuais, padres, freiras e estrangeiros (HESS, 1990, p.108).

A vitória na *Ofensiva do Tet* não consolou os americanos, com as sucessivas incursões e os gastos com a guerra só mostraram a fragilidade do país frente à tática de guerrilha, a guerra já começava a ser um questionamento dentro e fora do país. Nos Estados Unidos os jovens começam a protestar contra o conflito, como Vizentini observou “não se tratava apenas dos pacifistas, jovens convocados com as famílias, mas também de políticos preocupados com o desperdício de recursos sem resultados palpáveis, em momento que a economia norte-americana começa a apresentar sinais de fadiga” (VIZENTINI, 2007, p.77).

Em 1970, a maioria da população estadunidense estava contra a guerra, o que fez o governo a retirar as tropas em 1974, a opinião pública estava totalmente contra os massacres cometidos pelas tropas americanas, como aponta Karnal (2007), o moral das tropas americanas estava totalmente afetado com as barbáries cometidas no Vietnã. Talvez a mais famosa foi a chacina de My Lai, em 1968. O historiador Leandro Karnal comenta:

No dia 16 de março, uma companhia de soldados liderados pelo tenente William Calley juntara 500 idosos, mulheres e crianças na aldeia de My Lai numa trincheira e, obedecendo a ordens de Calley, abriu fogo contra todos os prisioneiros. Divulgando à mídia por soldados comuns, o massacre horrorizou muitos americanos. Diante da repercussão negativa no país que se acreditava baluarte da civilização e do mundo livre, houve um julgamento. Entretanto, somente Calley foi condenado, recebendo uma sentença de três anos em prisão domiciliar (KARNAL, 2007, p.241).

Diante da atuação catastrófica na guerra as tropas são obrigadas a se retirarem do país, humilhados pela opinião pública e carregando em si traumas que mais tarde seriam irreversíveis, como observa Vizentini:

Após longas negociações, os Estados Unidos assinaram os Acordos de Paris, em 1973, e retiraram suas tropas, vietnamizando o conflito, mas fornecendo armas, dinheiro e assessoria ao governo de Saigon. Em abril de 1975, as tropas do Vietnã do Norte e os guerrilheiros do sul entravam em Saigon, unificando o país e vencendo a mais longa, sangrenta e complexa guerra do Terceiro Mundo (VIZENTINI, 2007, p.154).

As marcas da guerra foram sentidas e os EUA saem com a confiança abalada, foi a primeira guerra perdida pelos Estados Unidos e isso influenciou bastante na opinião pública dentro do país, onde se encontravam divididos entre os apoiadores da guerra e os que se manifestavam contra, com base nisso Eric Hobsbawm escreveu em seu livro “Era dos extremos – o breve século XX (1914 – 1991)”:

A Guerra do Vietnã desmoralizou e dividiu a nação, meio a cenas televisionadas de motins e manifestações contra a guerra; destruiu um presidente americano; levou a uma derrota e retirada universalmente prevista após dez anos (1965 – 1975); e, o que interessa mais, demonstrou o isolamento dos EUA. Pois nenhum de seus aliados europeus mandou sequer contingentes nominais de tropas para lutar junto às suas forças (HOBSBAWM, 1995, p.241).

O governo americano subestimou a capacidade de resistência dos norte-vietnamitas, quanto mais os EUA atacavam mais eles conseguiam se reagrupar e atacar de volta, o ódio ao imperialismo americano mostrava-se mais forte diante da tecnologia e das táticas de guerra praticada pelos estadunidenses. A tática de “busca e destruição” e os bombardeios causados no país só reforçaram ainda mais a oposição aos norte-americanos, sem objetivos definidos, a medida do “sucesso” americano consistia na “contagem de corpos” e na destruição generalizada, como mostra George Herring (1986).

A Guerra do Vietnã pode ser considerada um dos mais importantes conflitos acontecidos no auge da Guerra Fria, a importância está ligada não somente a derrota dos Estados Unidos, mas também ao impacto que ela causou na política interna e externa norte-americana. O saldo da guerra, 57 mil soldados americanos mortos e por volta de 300 mil feridos, já no lado vietnamita, 4 milhões de mortos, como aponta Leandro Karnal (2007). A violência extrema em um conflito sem sentido, fez com que o impacto fosse profundo e que a guerra servisse de pano de fundo para várias interpretações, sendo uma delas que mais causou visibilidade, acontecendo por meio do cinema. As representações desse acontecimento chegaram ainda na década de 1960 e

foram amplamente discutidos nos séculos seguintes quando os filmes de guerra passam a serem críticos.

## 5. O HORROR DA GUERRA

O cinema desempenhou um papel importante em retratar a guerra, seja ela ficcional ou não. A Guerra do Vietnã pode ser considerada a primeira guerra televisionada, mostrando a brutalidade do combate nos lares de várias famílias norte-americanas como uma forma banal. Logo, o cinema também retrata o conflito de maneira bastante ampla.

Documentários como *Corações e Mentres* (*Hearts & Minds*, 1974), de Peter Davis, aos filmes ficcionais tais como *O Franco Atirador* (*The Deer Hunter*, 1978), de Michael Cimino, *Nascido para Matar* (*Full Metal Jacket*, 1987), de Stanley Kubrick, e vários outros que comporiam uma lista sobre a temática. Para o autor Michael Anderegg em seu livro *Inventing Vietnam – The war in film and television* vários fatores influenciaram a grande produção de filmes sobre a Guerra do Vietnã e um deles foi que esses filmes “não foram recebidos simplesmente como filmes, mas como importantes fatos culturais” (ANDEREGG, 1991).

Dois exemplos, talvez até um dos mais importantes do gênero foram os filmes *Apocalypse Now*, do diretor Francis Ford Coppola e *Platoon*, de Oliver Stone. Partindo do pensamento do autor canadense Robert A. Rosenstone as produções cinematográficas sobre a Guerra do Vietnã podem ser compreendidas da seguinte forma: com perspectivas do “passado como narrativa, com começo meio e fim” e também como personificação, dramatização e a emoção dos acontecimentos filmados, traz também a representação de fatos que ocorreram na época como também o cotidiano das pessoas que viveram sobre o conflito entre Estados Unidos e Vietnã do Norte (ROSENSTONE, 2010, p.34-40).

O historiador francês Marc Ferro (2010) segue a mesma linha de pensamento de Stone, em seu livro “Cinema e História” ele aborda que houve uma profunda reviravolta no cinema estadunidense que contestou a História-Oficial do que foi o conflito no Vietnã, questionando a participação do país na guerras, nos anos 70 se tornou muito mais evidente, esse levantamento de dúvidas acerca do que foi realmente a

Guerra do Vietnã, Ferro afirma que: “Mais do que nunca, os Estados Unidos aparecem como um país que interroga a si mesmo, depois da Guerra do Vietnã e da crise. Essa interrogação é um sinal de liberdade (...)” (FERRO, 2010, p.197).

No filme *Apocalypse Now* (1979), o diretor Francis Ford Copolla usa de maneira alegórica o livro escrito por Joseph Conrad, O coração das trevas (*Heart of Darkness*), para contar a trajetória do capitão Benjamin Willard, vivido por Martin Sheen, encarregado pelo governo dos Estados Unidos de encontrar e matar o dissidente Coronel Walter E. Kurtz, interpretado por Marlon Brando, que como dizia o relatório do alto escalão militar, cometeu assassinatos contra inocentes na selva do Camboja. A história do filme se passa em 1969 e mostra de maneira bem crua o dia a dia dos soldados americanos e o cenário no qual eles se encontravam cercados por mortes e destruição, isso acontece não de maneira acidental, as cenas onde soldados lidam com questões morais e éticas, explosões de napalm e o alto poder destrutivo mostrados em tela, só reforçam a ideia de uma nação que quer se mostrar hegemônica e que para conseguir tal feito tais medidas mostradas seriam necessárias.

O roteirista John Milius usa como base para o roteiro de seu filme os escritos do jornalista Michael Herr, que serviu como jornalista de guerra da revista *Esquire*. Correspondente no front pela revista entre os anos de 1967 e 1969, Herr mais tarde publica um livro contando às experiências que teve no Vietnã, *Despachos do Front* (*Dispatches*). Contando de maneira visceral a insanidade da guerra e maneira extremamente descritiva como só um espectador poderia vivenciar, isso influenciou diretamente na criação do filme de Copolla, que convidou Herr para trabalhar na parte narrativa do filme. A trama do filme pode ser baseada no livro de Conrad, mas são os relatos de Michael Herr que compuseram verdadeiramente a realidade da guerra encenada em *Apocalypse Now*.

A guerra é mostrada no filme não como uma experiência passageira, mas como algo que faria parte do cotidiano dos combatentes, seria encarada de uma maneira muito mais pessoal levando os soldados a acreditar que mesmo que se voltassem um dia para casa eles não estariam voltando realmente, sempre existiria o Vietnã nas próprias vidas, ou seja, suas casas poderiam até intactas no país de origem, porém, eles voltariam como homens quebrados, não seriam mais as mesmas pessoas.

Em uma das falas do filme o coronel Bill Kilgore, interpretado por Robert Duval, afirma que a guerra um dia irá terminar. Porém, não se sabe se isso seria uma

maneira de mostrar alegria ou descontentamento, fica claro que isso é um fato, mas não é algo esperado ou inevitável. A guerra se tornou a realidade dos soldados e qualquer contato com o mundo fora do militarismo, causaria estranheza ou até mesmo desapontamento.

O intuito do filme é mostrar uma guerra totalmente desorganizada e ilógica, mostrando cenas fora da realidade, tais como ataques a uma praia apenas para a diversão dos soldados surfarem e esquecerem um pouco da loucura da guerra. A intenção do diretor não é mostrar o cenário da guerra apenas, mas botar uma visão política e humana com respeito ao conflito, fazendo um contraponto com o livro de Conrad, *Apocalypse now* mostra a loucura da guerra, e como ela afeta seus participantes.

Conforme o filme chega a seu clímax, as dúvidas e os questionamentos de Willard afloram e ele começa a se perguntar se aquilo que ele estava fazendo seria o certo, chega ao ponto de mostrar total descrença no dever cívico propagado pelos seus oficiais, agora ele era movido por um sentimento de libertação pessoal. Equiparando-se a guerra real, os soldados norte-americanos enfrentaram esse mesmo questionamento, um duelo interno entre a sociedade impositiva contra a essência individual, ou seja, a guerra já não fazia mais sentido.

Quando Willard finalmente encontra Kurtz ele reconhece que o capitão tem uma missão a cumprir, que seria de matá-lo, aceitando assim o seu destino; ao matar Kurtz o homem até então considerado louco, profere as últimas palavras que talvez seja a síntese da Guerra do Vietnã e a própria atmosfera “apocalíptica”: o horror, o horror. Essa frase mostra que não importaria os deveres a serem cumpridos, o combate a um inimigo comunista, a honra de um país, mas sim o horror, puro, simples e contagioso.

*Apocalypse Now* é tido como um divisor de águas dos filmes de guerra, mas foi graças aos escritos de Herr que puderam apresentar ao mundo os horrores da guerra, as mortes, os sonhos e pesadelos de jovens combatentes que cresceram, amadureceram ou até morreram sem entender o porquê tiveram que se sacrificar no front.

A visão crua da guerra e visceral também pode ser observada no filme do diretor Oliver Stone, *Platoon* (1986). A escolha do cenário da guerra vietnamita não foi feita por acaso, por se um jovem patriota americano e acreditar nos ideais que seu país lutava. Stone apresentou-se como voluntário para servir ao exército no Vietnã, onde lá

foi ferido por duas vezes e recebeu honrarias por seus atos de coragem. Ao passo que a guerra foi acontecendo Stone pode observar o quão o conflito se mostrava sem sentido e como observa Robert A. Rosenstone em seu livro “A história nos filmes/Os filmes na história” (*History on Film/ Film on History*) que Stone e “muitos soldados, desiludidos com a missão americana e altamente céticos em relação ao hiato entre a retórica oficial e a realidade no campo de batalha” (ROSENSTONE, 2010, p.176).

Com o aumento das críticas vieram questões que foram levantadas e que, como mostra Rosenstone, foram de suma importância para a construção do filme *Platoon*, perguntas tais como: o que os americanos estavam fazendo no Vietnã afinal de contas? Estavam realmente combatendo o comunismo? Estavam tentando eliminar um movimento de libertação nacional? O que era tão vital para os interesses americanos naquela terra a 13 mil quilômetros de distância? (ROSENSTONE, 2010, p.177). Baseando em experiência pessoal, Oliver Stone dirige *Platoon* que tem como a abordagem principal a vivência dos combatentes na guerra e a visão dos mesmos sobre o que estava acontecendo; Charlie Sheen faz o papel de Chris Taylor o protagonista um recruta recém-chegado no Vietnã e que ainda não tem uma visão muito clara do que é a guerra, logo na primeira imagem há vários recrutas saindo dos aviões cargueiros e nesse mesmo avião são enviados em sacos pretos os soldados americanos mortos no combate, o filme mostra não o lado glorioso e triunfante dos norte-americanos, mas sim um ambiente caótico cercado de incertezas.

A dinâmica do filme continua no decorrer do filme, esse cenário de dúvida e descrença, em um mundo de soldados bem informados, astutos, atentos e céticos em relação o que seria aquela guerra e o questionamento aos líderes que os enviaram para lá. Como observa Rosenstone sobre os soldados do filme, eles não são iguais aos soldados que utilizam de “expressões propagandísticas sobre a gloriosa vitória á frente, mas aparentemente sabem que a guerra é invencível, a maioria fala de como sobreviver até o fim de seu tempo de serviço” (ROSENSTONE, 2010, p.178). Os soldados enfrentam dilemas próprios, estão divididos entre eles mesmos, em guerra contra eles mesmos.

Nas sequências onde há combate entre os soldados dos Estados Unidos e os norte-vietnamitas mostra a fragilidade dos americanos frente aos guerrilheiros e a confusão tática na qual eles se encontravam, o terreno montanhoso e a mata fechada se mostram como aliados dos *vietcongs*, incapacitando assim a eficiência dos ataques



aéreos, no solo as habilidades dos soldados que contariam para a sobrevivência “e os vietnamitas sabiam muito bem como usar o terreno e a vegetação muito melhor que os americanos” (ROSENSTONE, 2010, p.178).

O filme acaba mostrando várias atrocidades cometidas pelos soldados americanos, experiência nova para o público norte-americano que estava acostumado a ver seus soldados como os heróis que lutavam por uma causa nobre. Em uma sequência que destaca essa violência animal, os soldados americanos reagem ao assassinato de um dos colegas matando civis inocentes de uma aldeia, batendo em crianças até a morte e tentativas de estupro, gerando assim um choque para o espectador, contrapondo com a realidade com os massacres realizados de verdade pelos americanos.

Ainda na obra cinematográfica, verifica-se de maneira bem categórica um efeito de ação e reação, uma medida violenta adotada pelos norte-vietnamitas, que requer uma ação mais violenta ainda por parte dos americanos. Observando essas atrocidades cometidas o protagonista consegue entender o porquê de a guerra ser invencível. Elias, interpretado por Willem Dafoe, que serve como o lado racional e moral dos combatentes, tem um momento de reflexão no filme, ele comenta: “Estamos atormentando os outros a tanto tempo que acho que é hora de sermos atormentados”. Essa fala de Elias mostra a realidade que eles se encontravam e faz total sentido em *Platoon*, como aponta o crítico Norman Kagan sobre o roteiro do filme que “contou o conhecido enredo do jovem soldado sem renegar a inerradicável amargura e confusão da Guerra do Vietnã” (KAGAN, 2000, p.107).

O bom filme na visão do diretor Oliver Stone (1997) estaria ligado a interpretação do público que o assiste, logo, há uma catarse que permeia o seu filme que expõe as próprias emoções que Stone passou (visto que ele serviu no Vietnã) e que eventualmente pode ser passado para a plateia que o assiste, partilhando assim os mesmos sentimentos e ideias.

Ambos os filmes mostram de uma forma bastante crítica o que foi a Guerra do Vietnã, esse conflito bélico que fizeram várias vítimas e que dividiu um país. Em termos de números, considerando as perdas humanas e prejuízo material, os Estados Unidos “ganharam” a guerra, porém, esses números não podem ser considerados sem um contexto, onde na realidade os EUA tiveram uma derrota humilhante frente às forças norte-vietnamitas, obrigados a retirarem as tropas e voltarem para casa onde lá encontraram um ambiente totalmente diferente daquele que eles deixaram quando foram

a guerra. O cinema captou isso muito bem com os filmes sobre a Guerra do Vietnã, de uma maneira geral os roteiros são críticos ao conflito que houve, diferentemente de outras obras de Hollywood que não se direcionavam para a política interna do país.

Segundo Francisco Carlos Teixeira (2004) esses filmes foram um grande marco na história dos Estados Unidos e também consolidou algo que não era mostrado com muita frequência nos filmes: a autocrítica. Antigamente os filmes americanos mostravam o lado patriótico, mas conforme os massacres cometidos pelas tropas americanas eram cometidos no Vietnã, cada vez mais se evidenciava os problemas internos da sociedade americana, o cinema nesse contexto surgiu como uma ferramenta de contestação e de expressar as tensões que a nação enfrentava.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra do Vietnã não terminou para os Estados Unidos com a retirada das tropas do país, seu reflexo passou a ser sentido internamente, o confronto não foi bem visto por várias camadas da sociedade norte-americana. Uma forma de mostrar a indignação com a guerra foi por meio do cinema. As representações fílmicas do confronto tinham como objetivo criticar o que aconteceu no Vietnã, como no caso de *Apocalypse Now* e *Platoon*. Ambos mostram uma realidade ora onírica ora real até demais e abrem discussão sobre a intervenção dos Estados Unidos no Vietnã e questionar se havia alguma legitimidade naquele conflito ou seria apenas mais uma intervenção militar dos estadunidenses.

Buscou-se por meio desse trabalho entender as motivações de entrada dos Estados Unidos no Vietnã, analisando primeiramente a Guerra Fria e a corrida norte-americana contra a União Soviética em um mundo polarizado dividido entre comunistas e capitalistas. Esse trabalho teve como objetivo também analisar outra forma de se enxergar a história por meio do cinema, filmes que mostram a loucura da guerra, o sofrimento causado por ambos os lados e as marcas deixadas que nunca se cicatrizariam.

O que pode se observar na Guerra do Vietnã e mais tarde nos filmes é o belicismo como forma de vida ou manter a posição hegemônica dos Estados Unidos, essa preocupação é captada nos filmes, a missão do capitão Willard em *Apocalypse Now*

de eliminar um desertor e a vida militar em *Platoon*, ambos mostram o governo dos EUA como os verdadeiros protagonistas onde apenas usam os soldados como peões para alcançar os seus objetivos “loucos”.

Os filmes produzidos sobre a Guerra do Vietnã são obras que utilizam a guerra como pano de fundo, mas eles têm como objetivo principal contar a história dos seus participantes, seus dramas e confrontações com uma realidade que eles até então não conheciam. Conhecidos como os heróis, o confronto no Vietnã veio para mudar essa visão que o mundo tinha dos EUA, afinal de contas os soldados eram apenas humanos que buscavam uma explicação naquele conflito.

Frente a esse cenário crítico que os diretores contam suas histórias surge uma pergunta: Quem é mais louco, os soldados que lutavam uma guerra sem sentido, ou o governo americano que foi responsável pela morte de vários vietnamitas?

Os filmes mostram o lado duplo do perfil humano, e em nome do poder, a guerra revela a intolerância, o derramamento de sangue como algo banal e a ausência de um diálogo para a paz. Com várias obras que retratam esse conflito tão cego e tão violento é impossível não sentir algo em frente a isso tudo, mas é claro que o mero espectador não seria capaz de descrever com fidelidade e com o mesmo terror daqueles que estiveram nas linhas de batalha; o sentimento da guerra ou toda a finalidade dela pode ser resumida com apenas uma frase do Coronel Kurtz, em seu leito de morte ele diz as coisas mais sensatas que descreveriam não só o contexto da Guerra do Vietnã mas toda a essência de qualquer guerra: “O horror, o horror”.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS**

ANDEREGG, Michael. *Inventing Vietnam: The war in film and television*. Philadelphia: Temple University, 1991.

ARENDT, Hannah. *Sobre a revolução*. São Paulo: Cia das letras. 2011.

CHOMSKY, Noam. *Novas e Velhas Ordens Mundiais*. São Paulo: Scritta, 1996.

COPOLLA, Francis Ford. *Apocalypse Now (Apocalypse Now)*. Direção: Francis Ford Copolla. Roteirista: John Milius, Francis Ford Copolla. Com: Marlon Brando, Martin Sheen. EUA, Drama, Color, 1979. 153 min.

DOCUMENTÁRIO HISTORY. Disponível em: <<https://www.history.com/topics/cold-war/domino-theory>> Acesso em: nov. 2018.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FIORI, José Luís. *O poder americano*. São Paulo: Vozes, 2004.

GILPIN, Robert, 1971. *The Politics of Trans-national Economic Relations*. International Organisation, vol. 25, no. 3, summer 1971.

HERRING, George C. *America's Longest War*. New York, McGraw Hill, 1986.

HERR, Michael. *Despachos do Front*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2005.

HESS, Gary. *Vietnam and the United States: Origins and Legacy of War*. New York: Twayne Publishers, 1990.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAGAN, Norman. *The Cinema of Oliver Stone*. New York: Continuum, 2000.

KARNAL, Leandro. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

KINDLEBERGER, Charles, P. *Dominance and Leadership in the International Economy: Exploitation, Public Goods, and Free Rides*. International Studies Quarterly, vol. 25, June 1981.

MEAKER, Scott. *A Guerra Inesquecível do Vietnã: A Guerra Americana no Vietnã- A Guerra da Selva*. Babelcube, 2016.

NSC-68. A Report to the National Security Council - NSC 68, 12 de abril, 1950. President's Secretary's File, Truman Papers, 1950. Disponível em: <<https://goo.gl/Ya7gz3>> Acesso em: out. 2018

ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SARTRE, Jean Paul. *Estados Unidos no banco dos réus*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1970.

SIVARAM, M. *Guerra do Vietnam: Por quê?* Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1966.

STONE, Oliver. *Platoon (Platoon)*. Direção: Oliver Stone. Roteirista: Oliver Stone. Com: Charlie Sheen, Willem Dafoe, Tom Berenger. EUA, Drama, Color, 1989, 120 min.

TEIXEIRA, Francisco Carlos. *O século sombrio: uma história geral do século XX*. São Paulo: Campus, 2004.

\_\_\_\_\_. “*History and Movies (Interview to Harry Kreisler)*”. In: <http://globetrotter.berkeley.edu>: *Conversations With History*. Institute of International Studies, University of California at Berkeley, 1997.

VIZENTINI, P.F. *A revolução Vietnamita*. São Paulo: UNESP, 2007.

\_\_\_\_\_. *História do século XX*. 2. Ed. Porto Alegre: Novo Século, 2000.

WALTZ, Kenneth N. *O Homem, o Estado e a Guerra: Uma Análise Teórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.